

**ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS EM FAKE NEWS: ANÁLISE SEMIÓTICA DE
NOTÍCIAS FALSAS EM 2020**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Sofia Lustosa de Oliveira da Silva

Apoio: PIVIC Mackenzie

Paolo Demuru

Centro de Comunicação e Letras

Centro de Comunicação e Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras

<10332395@mackenzista.com.br>

<paolo.demuru@mackenzie.br>

RESUMO

Este trabalho investiga as estratégias enunciativas presentes em fake news divulgadas no primeiro trimestre de 2020, período marcado pelo início da pandemia de COVID-19. A análise fundamenta-se nas teorias de José Luiz Fiorin, A. J. Greimas, Diana Luz Pessoa de Barros e Paolo Demuru, buscando compreender os mecanismos semióticos e discursivos que conferem verossimilhança à desinformação. Com base em um corpus de cem fake news verificadas pelo *International Fact-Checking Network* (IFCN), selecionaram-se quatro notícias falsas representativas para uma análise semântico-enunciativa. Os resultados evidenciam o uso recorrente de modalização estratégica, apagamento do sujeito enunciador, simulações de intertextualidade e marcas de autoridade discursiva, recursos que atuam na manipulação da percepção da realidade e influenciam a opinião pública. Além da análise teórica, o estudo propõe um encaminhamento educativo voltado ao letramento crítico e midiático, destacando a importância da formação de leitores capazes de identificar estratégias discursivas na construção de sentido. O enfrentamento da desinformação, nesse sentido, passa pela escola como espaço privilegiado de resistência crítica.

Palavras-chave: *fake news*; enunciação; semiótica; discurso; letramento crítico.

ABSTRACT

This study investigates the enunciative strategies present in fake news disseminated during the first quarter of 2020, a period marked by the onset of the COVID-19 pandemic. The analysis is grounded in the theories of José Luiz Fiorin, A. J. Greimas, Diana Luz Pessoa de Barros, and Paolo Demuru, aiming to understand the semiotic and discursive mechanisms that lend credibility to misinformation. Based on a corpus of one hundred fake news items verified by the International Fact-Checking Network (IFCN), four representative texts were selected for semantic-enunciative analysis. The results reveal the frequent use of strategic modalization, the erasure of the enunciative subject, simulated intertextuality, and discursive authority markers—resources that manipulate the perception of reality and influence public opinion. In addition to theoretical analysis, the study proposes an educational approach focused on critical and media literacy, emphasizing the importance of training readers to identify discursive strategies in the construction of meaning. In this sense, confronting misinformation requires schools as privileged spaces for critical resistance.

Keywords: fake news; enunciation; semiotics; discourse; critical literacy.

1. INTRODUÇÃO

As *fake news* tornaram-se um fenômeno de impacto global, especialmente em contextos de crise, como a pandemia de COVID-19. A rápida disseminação de desinformação por meio das redes sociais tem comprometido a compreensão coletiva da realidade, gerando desconfiança nas instituições, pânico e comportamentos de risco (Allcott & Gentzkow, 2017; Lazer et al., 2018; Vosoughi, Roy & Aral, 2018). O termo *fake news* refere-se a conteúdos deliberadamente falsos ou enganosos, criados com o objetivo de influenciar opiniões, manipular condutas ou obter lucro.

No início de 2020, com o avanço da pandemia, houve um aumento expressivo na circulação de *fake news* relacionadas ao novo coronavírus, envolvendo desde teorias conspiratórias sobre sua origem até informações distorcidas sobre tratamentos e medidas preventivas (Pulido et al., 2020). Essas mensagens contribuíram para a multiplicação da chamada “infodemia”, dificultando a atuação de autoridades sanitárias e agravando o cenário de vulnerabilidade informacional.

Diante desse contexto, este artigo propõe uma análise semântico-enunciativa de quatro *fake news* verificadas pelo *International Fact-Checking Network* (IFCN), divulgadas entre janeiro e março de 2020. A investigação busca identificar os mecanismos discursivos que conferem verossimilhança a esses textos, tornando-os persuasivos e eficazes na disseminação da desinformação. A fundamentação teórica ancora-se nas contribuições de José Luiz Fiorin (2015), A. J. Greimas (1973), Diana Luz Pessoa de Barros (2005) e Paolo Demuru (2020), cujas abordagens semióticas e discursivas possibilitam compreender a produção de sentido nesses enunciados.

Ao evidenciar estratégias como a modalização, o apagamento do sujeito, a simulação de intertextualidade e o uso de marcas de autoridade discursiva, esta pesquisa contribui para o aprofundamento das reflexões sobre os efeitos sociais e cognitivos da desinformação. Por fim, defende-se a importância de práticas educativas voltadas à leitura crítica e à formação discursiva dos sujeitos, sobretudo no contexto escolar, como forma de resistência à manipulação simbólica na esfera digital.

2. RESULTADO E DISCUSSÃO

2.1. Fundamentação Teórica

A análise das *fake news*, em sua dimensão discursiva e semiótica, exige uma abordagem multifacetada que considere a complexidade dos processos de produção de sentido, as relações entre linguagem e poder e as estratégias de persuasão utilizadas para legitimar discursos falsos como se fossem verdadeiros. Para isso, este trabalho fundamenta-se em um conjunto articulado de teorias propostas por autores como José Luiz Fiorin, A.J. Greimas, Diana Luz Pessoa de Barros e Paolo Demuru, que oferecem ferramentas conceituais e metodológicas complementares para a análise enunciativa e semiótica das *fake news*.

Partindo da concepção de linguagem como forma de atuação no mundo, a Análise do Discurso desenvolvida por José Luiz Fiorin (2017) propõe que o discurso seja compreendido como prática social atravessada por ideologias. Nesse sentido, os textos não são neutros, mas produtos de escolhas linguísticas e discursivas que refletem e reproduzem relações de poder. Assim, ao analisar *fake news*, busca-se compreender como essas escolhas operam na construção de sentidos que se apresentam como verdadeiros, apesar de falsos, legitimando certas visões de mundo enquanto marginalizam outras. A análise permite identificar mecanismos discursivos como o apagamento de vozes dissidentes, o uso estratégico de termos com forte carga valorativa e a manipulação da organização textual para reforçar determinadas ideologias.

Complementarmente, a semiótica narrativa de A.J. Greimas (1973) fornece um modelo estrutural para a análise da produção de sentido por meio da teoria do percurso gerativo. Greimas descreve o modo como o sentido emerge a partir de estruturas profundas — narrativas e discursivas — que sustentam o texto. Esse modelo permite identificar nas *fake news* papéis temáticos como sujeitos-heróis (frequentemente apresentados como “cidadãos comuns” ou “vítimas do sistema”) e vilões (comumente atribuídos a instituições como a ciência, o governo ou a mídia tradicional), bem como modalidades de fazer (querer, poder, dever, saber) que constroem o enredo e orientam o leitor a uma interpretação específica. Esses elementos compõem o que o autor chama de gramática narrativa, cuja manipulação intencional nas *fake news* permite a produção de sentidos com forte apelo emocional e aparente coerência interna.

A partir dessa base estrutural, a Teoria Semiótica do Texto, proposta por Diana Luz Pessoa de Barros (2005), amplia o escopo analítico ao considerar o texto como um sistema de signos que se articula em função de uma cena enunciativa específica. A autora enfatiza que compreender um texto implica considerar quem fala, de onde fala e com que finalidade. Essa perspectiva possibilita uma análise enunciativo-semântica das *fake news*, revelando como a

figura do locutor é construída para gerar efeitos de credibilidade e proximidade com o leitor. Elementos linguísticos, visuais e até sonoros são articulados para encenar uma verdade construída, cujo sucesso depende da adequação à cultura e aos valores do público-alvo.

No campo específico da desinformação contemporânea, Paolo Demuru (2018; 2020) propõe a análise do discurso desinformativo, com foco na espetacularização e performatividade dos textos midiáticos. Segundo o autor, as *fake news* mobilizam gêneros, procedimentos discursivos e atores enunciativos com forte carga dramática, transformando o discurso em espetáculo. Utilizam imagens impactantes, narrativas emocionais e personagens caricatos para provocar reações imediatas, manipulando a atenção e as emoções do público. Essa espetacularização, combinada a uma performatividade do “eu” (com relatos em primeira pessoa ou testemunhos supostamente reais), contribui para a construção de uma verdade simulada que se impõe não pela verificação factual, mas pela força da encenação.

Ainda no pensamento de Barros, sua obra *A construção da verdade* (2025) complementa essa discussão ao abordar os mecanismos discursivos de legitimação do conhecimento. Para a autora, o discurso de verdade não é apenas uma questão de correspondência com os fatos, mas também de credibilidade discursiva, construída por meio de marcas linguísticas, posicionamentos enunciativos e relações com o ethos social. Nas *fake news*, esses mecanismos são frequentemente simulados para capturar a confiança do leitor, explorando a fragilidade da mediação informacional e as brechas na percepção pública da autoridade das fontes.

Por fim, é importante compreender como o contexto social e cultural influencia a recepção das mensagens falsas. Durante a pandemia, as *fake news* exploraram medos coletivos, desconfiança institucional e valores culturais específicos para produzir discursos que pareciam plausíveis, ainda que infundados. Essa articulação entre discurso e cultura é fundamental para a eficácia da desinformação, evidenciando a necessidade de análises que integrem aspectos linguísticos, semióticos e sociais.

Dessa forma, ao articular essas contribuições teóricas, esta pesquisa propõe uma abordagem enunciativo-semiótica das *fake news* que permite compreender como esses textos constroem, simulam e performam uma verdade, mobilizando estratégias discursivas e culturais com alto poder de persuasão.

2.2. Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, com o objetivo de compreender em profundidade as estratégias enunciativas utilizadas na construção e disseminação de *fake news* durante um período crítico de vulnerabilidade informacional. O estudo ancora-se na análise semiótica e discursiva, buscando identificar os mecanismos de produção de sentido que tornam essas mensagens eficazes na propagação da desinformação.

O corpus da pesquisa é composto por cem notícias falsas verificadas pelo *International Fact-Checking Network* (IFCN), publicadas entre janeiro e março de 2020. Essas *fake news* foram coletadas a partir da planilha pública “*Fake News 2020*”, que reúne conteúdos classificados como enganosos, manipulados ou completamente fabricados, relacionados majoritariamente à pandemia de COVID-19.

A fim de viabilizar uma análise detalhada, foram selecionadas quatro *fake news* representativas, com base em critérios como: diversidade temática, impacto social potencial, variedade de estratégias discursivas e relevância no contexto da pandemia. A seleção procurou contemplar diferentes formas de circulação e efeitos de sentido.

A análise das notícias foi conduzida em duas etapas principais. Na primeira etapa, realizou-se uma leitura exploratória do corpus, identificando marcas recorrentes de construção enunciativa e elementos que contribuíam para a eficácia comunicativa das *fake news*. Na segunda etapa, foi conduzida uma análise semiótica detalhada de cada uma das quatro notícias selecionadas, considerando múltiplos níveis de significação:

- **Nível linguístico:** exame do vocabulário, da sintaxe, das figuras de linguagem e de modalizações empregadas para criar efeitos de certeza, dúvida ou autoridade.
- **Nível narrativo:** identificação de personagens, objetivos narrativos, valores ideológicos subjacentes e estruturas de encenação da veracidade.
- **Nível discursivo:** análise das estratégias de persuasão e manipulação, incluindo o apagamento ou simulação da autoria, o uso de intertextualidade implícita e a construção do ethos enunciativo.

- **Nível contextual:** consideração dos elementos socioculturais e ideológicos que envolvem a produção e circulação das *fake news*, como crenças compartilhadas, polarizações políticas e medos coletivos.

Para cada notícia analisada, foi elaborado um quadro analítico contendo os dados textuais, a principal estratégia enunciativa identificada e os efeitos de sentido gerados. O procedimento metodológico seguiu uma sequência de leitura, identificação, descrição e interpretação, conforme os princípios da análise do discurso de base semântico-enunciativa.

2.3. Análise de Dados: Estratégias Enunciativas em Notícias Falsas de 2020

Nesta seção, são examinadas estratégias enunciativas presentes em cem *fake news* publicadas entre janeiro e março de 2020, verificadas por plataformas do IFCN. A análise está fundamentada em pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, com contribuições teóricas de Fiorin (2017), Greimas (1973), Demuru (2020) e Diana Luz Pessoa de Barros (2011). O foco recai sobre as articulações do discurso, os modos de enunciação, o apagamento e simulação do enunciador, e os efeitos de sentido mobilizados na construção da verossimilhança das mensagens falsas.

As *fake news* foram classificadas em eixos temáticos principais, entre os quais se destacam: origem do coronavírus, eficácia e perigos das vacinas, medidas de prevenção e tratamento, desinformação política e negacionismo científico. Em cada eixo, identificam-se estruturas discursivas recorrentes e operações de linguagem orientadas à persuasão e à construção de uma cena enunciativa específica.

2.3.1 Apagamento e simulação do enunciador

Uma estratégia recorrente nas *fake news* analisadas é o apagamento do enunciador, que se oculta por meio de estruturas impessoais, supostas citações científicas e testemunhos anônimos. A autoria é frequentemente atribuída a “especialistas”, “médicos renomados” ou “estudos internacionais” sem referência a fontes verificáveis. Essa simulação de autoridade visa à criação de um ethos de credibilidade, sustentado pela aparência de neutralidade.

Segundo Fiorin (2017), esse apagamento produz o efeito de objetividade ao eliminar traços subjetivos do enunciador, levando o enunciatário a perceber o discurso como factual e

científico. Ainda, observa-se o uso da intertextualidade falsa, que se apoia em enunciados que imitam o discurso técnico-científico, sem, no entanto, obedecer aos critérios de verificação próprios da ciência.

Dessa forma, percebe-se que a predominância de estratégias objetivantes nos textos analisados reforça a sensação de imparcialidade e rigor, consolidando a ilusão de que as informações apresentadas são confiáveis e incontestáveis. Ao enfatizar dados supostamente científicos e omitir elementos que poderiam revelar a presença de um ponto de vista pessoal, as *fake news* manipulam a recepção do enunciatário, induzindo-o a aceitar o conteúdo como verdade absoluta. Esse recurso, ao privilegiar o objetivante, evidencia como a aparência de neutralidade é cuidadosamente construída para legitimar discursos que, na realidade, carecem de fundamentação sólida.

2.3.2. Encenação e ethos de proximidade

Outra estratégia relevante é a encenação da voz popular. Muitos textos falsos se apresentam como testemunhos de pacientes, familiares, ou supostos “insiders” com acesso a informações sigilosas. Nesses casos, o enunciador assume um ethos empático, próximo do leitor, partilhando da mesma visão de mundo. Tal simulação gera um contrato de confiança, pois o enunciador não aparece como uma autoridade distante, mas como alguém do “povo” que sabe a verdade escondida.

Diana Luz Pessoa de Barros (2011) observa que, nesses casos, a eficácia persuasiva está vinculada à construção de um enunciador que compartilha crenças com o enunciatário e reafirma valores coletivos. Esse compartilhamento fortalece a adesão ao discurso, ativando elementos do imaginário social que reforçam o vínculo identitário com a audiência.

Portanto, nota-se que as estratégias subjetivantes são predominantes nesse tipo de discurso, pois a proximidade do enunciador com o leitor cria um sentimento de identificação e confiança. Ao apresentar experiências pessoais e valores compartilhados, o texto mobiliza emoções e percepções individuais, favorecendo a adesão à mensagem. Essa ênfase no subjetivante evidencia como a persuasão se dá não pela autoridade ou dados objetivos, mas pelo vínculo afetivo e pelo reconhecimento de um ethos que se coloca como parte do grupo do leitor.

2.3.3. Estrutura narrativa e construção de complôs

Grande parte das notícias falsas adota uma estrutura narrativa greimasiana. Nessa estrutura, há um vilão (por exemplo, a China, a OMS ou políticos de oposição), uma vítima (o povo, o cidadão comum) e um herói (o enunciador que revela a verdade ou um líder político que “desmascara o sistema”). Esse esquema narrativo propicia o surgimento de teorias conspiratórias, nas quais instituições são representadas como antagonistas de uma verdade suprimida.

A construção de papéis temáticos, conforme Greimas (1973), permite organizar o discurso segundo valores morais binários. Essa simplificação narrativa favorece a adesão ao discurso, uma vez que mobiliza emoções fortes como medo, revolta e esperança, estimulando reações afetivas que se sobrepõem à lógica argumentativa.

Essa predominância do subjetivante evidencia como a persuasão se apoia na experiência compartilhada e na construção de sentimentos, reforçando o impacto das *fake news* sobre a percepção do público. Dessa forma, observa-se que as estratégias subjetivantes se sobressaem nesse tipo de narrativa, uma vez que a dramatização dos papéis temáticos e a mobilização de emoções criam uma ligação afetiva com o leitor. Ao identificar-se com a vítima ou com o herói, o enunciatário é conduzido a aceitar a versão apresentada como verdadeira, não pela análise racional dos fatos, mas pela empatia e envolvimento emocional.

2.3.4. Apelos emocionais e sensacionalismo

As *fake news* frequentemente utilizam modalizações de certeza, adjetivações intensas e construções hiperbólicas que apelam ao emocional. Expressões como “prova definitiva”, “descoberta que a mídia esconde” e “a verdade que ninguém quer que você saiba” são recorrentes. A linguagem sensacionalista reforça a urgência e a gravidade da situação, tensionando o leitor a agir (compartilhar, acreditar, desconfiar da imprensa etc.).

Esses elementos indicam o uso estratégico da linguagem para criar efeitos de verdade e manipulação do pathos, conforme a retórica aristotélica. A construção de um discurso que mobiliza emoções intensas favorece o engajamento do leitor, que se torna não apenas receptor, mas também agente de circulação da desinformação.

A hipérbole, a adjetivação intensa e as modalizações de certeza criam um vínculo afetivo e um senso de urgência, conduzindo o enunciatário a reagir de maneira imediata e envolvida. Portanto, fica evidente que as estratégias subjetivantes predominam nesse tipo de discurso, uma vez que a ênfase recai sobre as emoções e percepções do leitor. Essa predominância persuasiva do subjetivante se constrói mais pelo impacto emocional e identificação com o discurso do que pela apresentação de fatos objetivos, reforçando a eficácia da manipulação emocional nas *fake news*.

2.3.5. Disputa de sentidos e guerra semiótica

Paolo Demuru (2020) propõe o conceito de guerra semiótica para explicar o uso intencional de signos e discursos no ambiente digital. Nas *fake news*, essa guerra se manifesta tanto na linguagem verbal quanto na articulação com imagens, vídeos e símbolos que reforçam a mensagem. A escolha de termos como “liberdade”, “família” e “ciência de verdade” opera como ancoragem ideológica, inserindo o discurso falso em uma rede de sentidos culturalmente valorizada.

Demuru ressalta que essa guerra de signos visa à captura do imaginário social por meio da reconfiguração de significantes flutuantes. Assim, “ciência” passa a significar não o consenso técnico-científico, mas uma visão alternativa e suspeita da ciência institucional. A desinformação, nesse contexto, se constrói como uma prática semiótica estratégica, que busca disputar hegemonia discursiva no espaço público.

Ao redefinir conceitos como “ciência” ou “liberdade” dentro de um quadro de valores supostamente universais, as *fake news* apresentam-se como discursos imparciais e fundamentados, direcionando o enunciatário a aceitar a mensagem como factual. Essa ênfase no objetivante se apoia na ilusão de neutralidade e rigor, reforçando a credibilidade aparente da desinformação. Dessa forma, percebe-se que as estratégias objetivantes predominam nesse tipo de discurso, pois a manipulação de signos e termos culturalmente valorizados cria uma aparência de autoridade e veracidade.

2.4. Discussão

A análise das 100 *fake news* coletadas entre janeiro e março de 2020, verificadas por agências afiliadas à IFCN, revelou que tais mensagens não se configuram meramente como

informações equivocadas ou distorcidas. Elas se apresentam, antes de tudo, como enunciados estrategicamente construídos, portadores de intensa carga persuasiva e simbólica, com o objetivo de moldar a percepção da realidade, afetar comportamentos e influenciar decisões públicas e privadas.

A sofisticação enunciativa observada no corpus evidencia uma verdadeira engenharia discursiva, marcada pela manipulação calculada de elementos linguísticos, narrativos e simbólicos. Essas estratégias permitem ao enunciador ocultar sua posição, ao mesmo tempo em que simula autoridade, imparcialidade e legitimidade discursiva. A análise detalhada das quatro *fake news* selecionadas mostrou o uso recorrente de mecanismos como:

- Modalizações de certeza e marcadores de objetividade, que reforçam o efeito de verdade;
- Apagamento ou simulação da autoria, com a supressão da fonte ou atribuição da mensagem a figuras de prestígio social;
- Intertextualidade espúria, que se apropria de elementos de gêneros jornalísticos, científicos ou testemunhais para simular verossimilhança;
- Encenação de cenas de enunciação fictícias, por meio da criação de “personagens discursivos” que evocam arquétipos consolidados no imaginário coletivo, como o herói popular, o cientista mal-intencionado ou a vítima injustiçada.

Tais construções dão forma ao que Demuru (2014) define como “cena de enunciação manipulada”, em que o sujeito enunciador se desdobra em papéis estratégicos, a fim de produzir um efeito de neutralidade e realismo que, na verdade, sustenta uma perspectiva ideológica mascarada. Em diálogo com essa perspectiva, Greimas, ao teorizar sobre o percurso gerativo de sentido, ilumina os mecanismos internos da eficácia discursiva dessas narrativas, ao demonstrar como os níveis semântico, narrativo e discursivo interagem para dar consistência simbólica aos textos — exatamente os níveis mobilizados pelas *fake news* analisadas.

As *fake news* também ativam mecanismos psicológicos e sociocognitivos que favorecem sua adesão. O uso deliberado da exploração emocional, dos preconceitos e do viés de

confirmação visa provocar reações automáticas, comprometendo a análise crítica do receptor. Fiorin (2017) destaca como a linguagem pode ser instrumentalizada como arma política e cognitiva, papel assumido pelas *fake news* ao explorarem fissuras culturais, tensões identitárias e discursos de medo e ressentimento presentes na sociedade contemporânea.

Além da perspectiva linguístico-discursiva, a análise revela um caráter inter e transdisciplinar, necessário para compreender a complexidade do fenômeno. As *fake news* acionam saberes diversos, como:

- Psicologia: A dissonância cognitiva e o viés de confirmação sustentam a crença em informações falsas, mesmo diante de evidências factuais;
- Tecnologia: As redes sociais e seus algoritmos funcionam como aceleradores da desinformação, ampliando seu alcance e permanência;
- Direito: A tensão entre liberdade de expressão e regulação da desinformação mobiliza questões éticas e legais cruciais para as democracias;
- Educação: Evidencia-se a urgência de políticas públicas voltadas à educação midiática, que promovam a formação de leitores críticos, capazes de decodificar os efeitos de sentido e resistir à sedução do falso.

Assim, a análise qualitativa das estratégias enunciativas evidencia que as *fake news* operam em múltiplas camadas — da linguagem ao contexto sociocultural — e que sua eficácia reside justamente na capacidade de mimetizar discursos legítimos, manipular expectativas e infiltrar-se no imaginário coletivo. Reconhecer essas camadas e compreender suas engrenagens simbólicas é um passo fundamental para enfrentá-las com inteligência crítica, consciência ética e formação cidadã.

Dessa forma, a análise qualitativa das estratégias enunciativas evidencia que as *fake news* operam em diversas camadas — da linguagem ao contexto sociocultural — e que sua eficácia discursiva reside justamente na capacidade de mimetizar discursos legítimos, manipular expectativas e infiltrar-se no imaginário coletivo. Reconhecer essas camadas é o primeiro passo para combatê-las com inteligência crítica e formação cidadã.

Adicionalmente, é preciso considerar as tendências emergentes no campo da desinformação, que trazem novos desafios às estratégias de enfrentamento. Dentre elas, destacam-se:

- *Deepfakes*: a utilização de inteligência artificial para criar vídeos e áudios falsos com aparência autêntica, comprometendo ainda mais a distinção entre o real e o fabricado.
- *Microtargeting*: o uso de dados pessoais para direcionar mensagens específicas a grupos de pessoas, com base em seus interesses, hábitos e crenças, intensificando a segmentação ideológica e a manipulação individualizada.
- *Bots*: programas automatizados capazes de disseminar *fake news* em larga escala, influenciando o engajamento e a visibilidade de conteúdos falsos nas redes sociais.

Frente a esse cenário, algumas recomendações se mostram urgentes e necessárias:

- Investir em educação midiática desde os níveis básicos de ensino, desenvolvendo o pensamento crítico e a capacidade de identificar informações falsas ou distorcidas.
- Fortalecer as iniciativas de verificação de fatos, garantindo agilidade e transparência na circulação de informações.
- Estabelecer normativas regulatórias para responsabilizar as plataformas de mídia social pela propagação de *fake news*, sem ferir os princípios da liberdade de expressão.
- Promover o diálogo intersetorial, estimulando a colaboração entre governos, empresas, universidades e organizações da sociedade civil na construção de estratégias integradas de combate à desinformação.

Ao compreender a sofisticação das *fake news* tanto em suas estratégias enunciativas quanto em seus desdobramentos tecnológicos e sociais, reafirma-se a necessidade de ações educativas, políticas e éticas que protejam o espaço público informacional e fortaleçam a democracia.

3. CONCLUSÃO

A presente pesquisa demonstrou que as *fake news* não se configuram como simples desvios da verdade ou como erros ocasionais, mas como produtos discursivos intencionalmente construídos, que mobilizam estratégias enunciativas sofisticadas para simular veracidade e influenciar o comportamento do leitor. A análise semiótica do corpus — composto por 100 *fake news* verificadas pelo IFCN entre janeiro e março de 2020 — permitiu identificar recorrências nos modos de manipulação do discurso, como a apropriação de estruturas formais do jornalismo, o uso de linguagem sensacionalista, a criação de narrativas conspiratórias e o apagamento do enunciador, que favorece a naturalização do conteúdo apresentado.

Essas estratégias, conforme discutido por autores como José Luiz Fiorin (2022), A. J. Greimas (1973), Diana Luz Pessoa de Barros (2012) e Paolo Demuru (2020), operam na construção de regimes de sentido que ativam crenças pré-existentes, exploram afetos e produzem efeitos reais na sociedade. Ao simular gêneros discursivos legitimados e ao acionar valores culturais compartilhados, as *fake news* constituem um fenômeno de enunciação complexa, que demanda uma abordagem crítica e interdisciplinar para sua compreensão e enfrentamento.

Os resultados apontam, ainda, para a necessidade urgente de se investir em educação midiática e linguística que contemple o ensino da leitura crítica. O desenvolvimento de oficinas escolares voltadas à análise e desconstrução de *fake news*, por exemplo, revela-se um caminho pedagógico promissor, pois permite articular os saberes da linguagem, da ciência e da cidadania. Essas atividades favorecem a formação de sujeitos autônomos e críticos, capazes de reconhecer as intenções comunicativas por trás dos discursos que circulam nas redes.

Conclui-se, portanto, que o estudo das estratégias enunciativas em *fake news*, à luz da semiótica discursiva, contribui não apenas para o entendimento do funcionamento interno desses textos, mas também para o fortalecimento de práticas de resistência à desinformação. Ao revelar os mecanismos de manipulação empregados, a análise torna-se uma ferramenta de combate à proliferação de discursos enganosos, reafirmando o papel fundamental da linguagem na construção da realidade social e no exercício ético da comunicação.

4. REFERÊNCIAS

ALCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, D. L. P *et al.* **A construção da verdade**. São Paulo: Contexto, 2025.

DEMURU, P. As mentiras do eu: procedimentos, gêneros e atores do discurso desinformativo em primeira pessoa. **Cultura e Semiótica**, v. 18, n. 2, p. e6062, 2022.

FIORIN, J. L. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2017.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. São Paulo: Cultrix, 1973.

LAZER, D. M. *et al.* The science of fake news. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1094–1096, 2018.

PULIDO, C. M. *et al.* COVID-19 infodemic: More retweets for science-based information on coronavirus than for false information. **International Sociology**, v. 35, n. 4, p. 377–392, 2020.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146–1151, 2018.